

PIRÂMIDE ACIMA

## A classe média em alta

Com uma renda aproximada de R\$ 4,5 mil, a família Ferreira, de Porto Alegre, simboliza a ascensão vivida pela classe média nos últimos anos, hoje, a maior parte da população. Do apartamento alugado de um quarto no início dos anos 1990, a família passou para uma confortável casa de três quartos na Zona Norte e uma casa na praia, em Imbé, além de dois carros.

Quando se casaram, em 1987, Vera e Rogério ganhavam menos de três salários mínimos. Com a estabilidade da economia e muito trabalho, puderam financiar a casa própria onde nasceu Rafael, hoje com 14 anos, e a pequena Laura, de sete. Nos brinquedos de Laura está um exemplo do Brasil da classe média: enquanto Rafael se contentava com carrinho e bola, a menina aproveita a coleção de bonecas Barbie e um laptop da Xuxa.

– São brinquedos caros que na época do Rafael não tínhamos condições de comprar – lembra Vera.

Passar dos três salários mínimos para os 10 atuais não é um feito exclusivo dos Ferreira. Mais da metade da população economicamente ativa do Brasil está incorporada à classe média – segundo a Fundação Getulio Vargas (FGV), famílias com renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 mensais. Desde 2002, o segmento passou de 44,19% para 51,89% da população.

Outra pesquisa, divulgada também ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostrou forte redução da pobreza em seis regiões metropolitanas brasileiras. Ambos estudos se baseiam em dados levantados pelo IBGE desde 2002, e retratam uma transformação inesperada no quadro da renda. Na opinião de Marcelo Neri, coordenador da pesquisa A Nova Classe Média, da FGV, o Brasil vive um “momento mágico”:

– Com o cenário externo desfavorável, é surpreendente que ainda não vejamos nenhum sinal de arrefecimento do emprego e da renda.

O primeiro efeito de uma classe média mais gorda se sente no ar das grandes cidades, mais enfumaçado, e no trânsito, mais confuso: é o aumento do consumo, que traz mais carros às ruas, explica o pesquisador. E a estrela desse fenômeno é a carteira de trabalho, considera. O país pode fechar o ano com a geração de 2 milhões de novos empregos, e boa parte é formal, o que facilita o aumento de consumo.

Segundo Fábio Vaz, do Ipea, os dados demonstraram uma mobilidade menor na parcela superior da pirâmide: os mais ricos permanecem sendo 1% da população, como em 2002. Para ele, isso prova que ainda é mais difícil para a classe média passar à elite do que ascender da miséria a uma condição melhor.

– A nova classe média é um grupo emergente que cresceu a partir do próprio trabalho – acrescenta Neri.

O curso de robótica de Rafael, e as aulas de ginástica rítmica de Laura, mostram, na vida real, o que o pesquisador da FGV viu nos números.